



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE ENSINO FILOSÓFICO¹

Rodrigo Soares Samersla², Maciel Antoninho Viera³.

¹ Artigo resultante de projeto monográfico defendido no final do primeiro semestre de 2011 na Unijuí, para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

² Graduado do Curso de Filosofia do Departamento de Humanidade e Educação da Unijuí.

³ Professor do Departamento de Humanidade e Educação da Unijuí.

Resumo

A disciplina de Filosofia se encontra definitivamente na grade curricular do ensino médio. Com a volta deste estudo para a escola, os professores buscam alternativas do que ensinar, quais são as melhores maneiras de produzir uma aula, os autores a privilegiar e quais os conteúdos a exigir. Tomando como linha de pesquisa a fenomenologia de Merleau-Ponty, busco a valorização da vida sentida tanto do aluno como do educador no meio do ensino, criando com isso uma comunicação que enriqueça a relação dos seres nela colocados. A visão de uma objetividade da disciplina filosófica nubla a verdadeira função da filosofia, que é de participar da vida do estudante. Voltar para um admirar-se com o mundo, assim como os filósofos clássicos. Busco uma possibilidade de, através da idéia de um corpo que participa do mundo, adquirir a visão de conjunto, de partícipe de um mundo fenomênico e integrado.

Palavras-chave: Filosofia, Ensino, Merleau-Ponty e Metodologia.

Introdução

No meu percurso da graduação em filosofia, estive em contato com diferentes formas do ensinar, com métodos que vão da psicologia de Piaget até o ensino partindo da liberdade de Rousseau (que fica claro na obra Emilio). Mas ainda persistia a minha frente à dificuldade do ensino, principalmente para o ensino de filosofia, e como os educadores não conseguiam atingir o aluno em uma qualidade ideal para o saber. A filosofia, que tanto me agradava na graduação universitária, não tinha o mesmo sentimento nos alunos das escolas de ensino fundamental e médio. Mas por que isso acontecia? Tentando circundar essa questão, trabalhei com o autor Maurice Merleau-Ponty em minha monografia, procurando respostas de como a forma de ensinar está sendo dificultada exatamente pelo agir filosófico dos professores. Esse texto tem como função elucidar algumas conclusões para uma melhor metodologia, uma nova tomada de posição do educador para o ensinar, resumindo certas partes importantes de minha monografia.

Metodologia





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

O aluno está sempre envolvido em um mundo próprio, que o confirma como ser participante de uma sociedade diferenciada do mundo do professor/educador. Isso fica evidente quando visualizamos a classificação da sociedade, já que definimos o que é infantil, juvenil e adulto no meio de consumo. Poderemos confirmar que existem vários mundos de comunicação, cada um referente a uma destas esferas, e que a interação entre elas é dificultada com a evolução da língua em seu meio, em sua esfera. Não estou dizendo que a língua muda para cada um destes 'mundos', mas a forma de transmitir algo para a esfera juvenil tem diferenças gritantes em comparação com a esfera adulta. Enquanto uma busca tocar o outro com palavras fortes, gírias ou até gritos (característica própria dos jovens em suas comunicações), o outro busca passar através de palavras cheias de significados os seus pensamentos. Essa realidade é a marca de como a comunicação entre o educador e alunos torna-se difícil, até impossível, em determinadas disciplinas. Na filosofia, segundo a maioria dos educadores, este problema reside justamente na falta de leitura que o jovem detém em sua esfera, despreparando-o para uma experimentação profunda do filosofar. Aqui poderemos notar um primeiro objetivo que o educador poderá buscar na disciplina de filosofia, que é a valorização da leitura como método para o aprendizado. Mas esse é apenas um de muitos métodos que deverão ser valorizados em sala de aula. A filosofia não é só leitura, mas algo que abarca todo um saber humano que remonta a mais de 2500 anos de história, e o educador tem uma gama incrível de materiais para ser usado junto com os alunos. Procuraremos usar da descrição fenomenológica para buscar novas formas de atingir o aluno, aumentando a comunicação entre esses mundos envolvidos na sala de aula.

Discussão

Para melhor compreender o método fenomenológico, primeiramente Merleau-Ponty toma a fenomenologia como uma busca, uma forma de como poderemos produzir o conhecimento não renegando a vivência de cada ser, assim como buscar a valorização do mundo neste novo saber. A importância desta mudança de lugar do mundo na relação do conhecimento poderá ser melhor entendida se colocarmos o sistema fenomenológico da atualidade em paralelo com a tomada do sistema heliocêntrico para a era renascentista. No heliocentrismo, o sol substituiu a terra como centro do universo, colocando a busca do entendimento das orbitas dos planetas em um modelo em movimento. O homem, saindo do centro do saber, busca um mundo que está em movimento, e não mais estático. Na fenomenologia, o homem retirar-se do centro do saber, que controla e adapta a natureza e o mundo físico ao seu bel prazer, saindo do Cogito cartesiano da busca do saber, e descobre nos objetos a nova forma de ver o mundo. É uma valorização do mundo fenomênico, onde os fenômenos se mostram em movimento, e a posição que cada ser tem sobre ele. Nisso, o homem descobre não mais como um absoluto, onde a natureza se molda a ele, mas sim participante deste processo, um ser inserido neste objeto/mundo. A vivência toma lugar de destaque neste estudo, onde cada ser pode se identificar com o conhecimento produzido. Mas a fenomenologia não pode ser vista como uma volta ao subjetivismo, mas sim uma



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

valorização do ser enquanto ser humano, e que todos os seres podem ter essa capacidade de humanidade na produção do saber.

A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty faz um caminho partindo justamente do ser que é corpo, que é percepção. Ele toma o mundo físico como fundamento de sua teoria. A principal dúvida que esta teoria busca solucionar é a dicotomia sujeito/objeto. Na busca de responder essa dúvida, Merleau-Ponty torna a sensibilidade e a percepção como o ponto fundamental, dando ao corpo uma importância singular. Para ele, o corpo é a junção do mundo fenomenal, pois esse corpo não apenas dá sentido aos objetos, mas também torna-se objeto para o mundo, e nesta relação existe a comunicação entre o ser e o mundo. Por isso, na obra *Fenomenologia da Percepção*, o autor diz que com o corpo ultrapassamos a explicação tanto cientificista como subjetivista.

Merleau-Ponty trabalha sua fenomenologia nesta busca da valorização dos sentidos. Para ele, o corpo é o conjunto de sensações. Essas sensações são conexões que mantemos com o mundo físico, sendo que essas conexões são as únicas formas de produzir o saber deste mundo. Apenas com o corpo podemos nos deslocar pelo mundo, então apenas com os sentidos podemos conhecer.

Esta forma fenomenológica de conhecer vem de encontro ao pensamento mecanicista moderno, já que Merleau-Ponty toma, assim como seu predecessor fenomenológico, a função de destruir os alicerces provindos de Descartes, que dividiu este mundo nesta dualidade. Não sentimos o mundo, mas usamos de uma razão instrumentalizada, mecanizada, para a busca do saber. Tornamo-nos escravos de um pensamento que não mais mostra o mundo, mas sim o explica e o forma categoricamente. Merleau-Ponty elabora uma resposta parecida com a de Aristóteles, ou seja, não existe um mundo das idéias da qual buscamos chegar para saber, mas sim, apenas existe esse mundo, o mundo dos fenômenos, da qual o ser também faz parte, e do qual devo tocar para poder conhecer.

Darei um exemplo do método fenomenológico de Merleau-Ponty para uma melhor compreensão do leitor. Tomemos a visão de uma criança que pega uma folha de papel em branco nas mãos. Esse papel significará o mundo físico. A criança desenha nesta folha o perfil de uma pessoa. Esse desenho corresponde ao corpo no mundo físico. Agora, com lápis de cor, ela pinta com diferentes cores esse desenho. As cores são a representação daquilo que toca os sentidos, dos significados produzidos nas relações, da linguagem que nos ultrapassa. O perfil do desenho da pessoa define o que é o “em cima” e o “em baixo”, pois nossa mente julga o que está “acima” da cabeça como o céu, e o que está “abaixo” dos pés como o chão. A criança pinta então o céu de azul, um azul claro, como é a cor do céu em dia ensolarado e sem nuvens. Mas esse azul não fica apenas circundando o desenho da pessoa, ele penetra neste perfil, infunde sua cor na cabeça da pessoa. A criança não consegue controlar a pintura, e a cabeça do perfil desenhado também fica azul, como o céu atrás dela. A criança pega o marrom, e pinta abaixo dos pés do desenho, representando o chão que a pessoa pisa. Mas, novamente, o marrom não fica unicamente abaixo dos pés, ele passa o contorno do desenho, infundindo mais uma cor nele. Após isso, a criança pega a cor amarela, e começa a pintar o desenho em si, transformando o desenho não mais em apenas um perfil, mas dando substância,



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

consistência, criando verdadeiramente um corpo neste mundo azul e marrom. Só que neste pintar do corpo, ela passa o limite do desenho, impregnando o mundo com uma cor amarela do corpo desta pessoa.

Quando a criança mostra esse desenho para nós, dizemos que está muito bonito, mas repreendemos sua pintura, falando que da próxima vez, cuide para não borrar as cores onde não necessite. A criança então, com um sorriso, diz que a cabeça está ‘vendo’ o céu azul, e esta com seus pés sujos por estar no barro. Com isso esboçamos um sorriso, e juntos, admiramos esse perfil de pessoa com a cabeça no céu e os pés sujos na terra. Este desenho nos mostra uma visão de mundo mais sublime, de total admiração. A fenomenologia mostra um ser que se mistura com o mundo a sua volta, e um mundo que mistura sua essência com o ser. Essa comunicação concebe um sujeito e um objeto diferente do que era usado até agora, onde cada um é absoluto. O sujeito é aquele que produz o conhecimento, e o mundo é esse que se mostra através dos sentidos. Mas Merleau-Ponty concebe um ser simbiótico, que não pode ser apenas um, mas sim dual. O sujeito é um ser no mundo, que toca e é tocado, que modifica e é modificado.

Agora, vamos explorar o caminho da comunicação enquanto transmissão de conhecimento, ou seja, enquanto comunicação estritamente em sala de aula. Vejamos uma analogia tirada do livro *Isto não é um Cachimbo*, de Michel Foucault: o professor primário está na sala, seus alunos sentados a sua frente, em silêncio, esperando a primeira aula começar. No quadro, um cachimbo está desenhado perfeitamente, e escrito acima, a frase “isto é um cachimbo”. O professor vai ensinar, transmitir um conhecimento para seus alunos que poderá, digamos, ser a conjunção da frase “isto é um cachimbo”, ou a palavra “cachimbo”. Os alunos estão esperando uma coisa nova, que invadirá todo o seu ser, pois até então nunca tinham visto a palavra cachimbo. Mas será que vamos ter um aprendizado eficaz nesta aula?

O professor está tentando colocar algo novo, um cachimbo, mas se seus alunos nunca viram um cachimbo, será que existirá conhecimento? Segundo o que vimos até agora, a verdadeira forma de tomar o aluno em um saber novo é atingir seu ser com algo que faz parte de sua vivência, mas de maneira nova. É mostrar algo que faz parte deles de forma totalmente original. Se o professor apenas mostra a forma de escrita da palavra cachimbo, ou como se escreve essa sentença, ele não produz um conhecimento eficaz, mas apenas cria falácias com seus alunos, sem atingi-los. Então, quem sabe, antes de ensinar as letras da palavra cachimbo, o professor devesse mostrar aos alunos um cachimbo real. Pode-se, quem sabe, mostrar algum herói que use cachimbo, como Sherlock Holmes, ou até Gandalf, que estão mais próximos aos alunos. Depois, o professor pode inserir os alunos na dependência para com o fumo, e explicar as causas disso na sociedade contemporânea. Com essa inserção posta pelo professor, o cachimbo começa a fazer parte da vida dos alunos, as palavras e frases ganham sentido, passam a ter significados para cada um deles. Aí, com essa inserção do cachimbo na vivência dos alunos, poderá agora haver uma produção, ou melhor, uma troca de conhecimento.

Bem, acho que o exemplo não foi um dos melhores, afinal usar um cachimbo em uma sala de aula do primário não é uma forma muito correta de ensinar a escrever, mas podemos com isso



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

dar uma idéia de como ilustrar um conteúdo de forma mais complexa, mais ampla, ou seja, uma forma fenomênica de ensinar os alunos.

Com a fenomenologia, busco a capacidade de usar de um mundo que está a minha volta para atingir o saber filosófico. Posso pensar em usar de um mundo da literatura, um mundo de filmes, de desenhos, histórias em quadrinhos, ou seja, um mundo de emoções, de minhas emoções, para o ensino de uma filosofia complexa, integrada, indicando um caminho onde cada um faz através de sua história humana. E transcrevo com minha vida uma forma 'exemplar' de como fazer a filosofia, usando uma linguagem sentida, assim como os artistas fazem para escrever suas histórias ou pintar seus quadros. Usar do sentimento como meio de atingir o outro. Um filme poderá ser usado em aula no momento em que ele tocar a mim, e passo ele da mesma forma para o aluno. Uma história terá, como diz Merleau-Ponty, muito mais profundidade filosófica do que um tratado de filosofia. Convido você, leitor, a fazer esse mesmo caminho, esta retomada da vida no ensino.

Conclusão

Usar de minha vivência, enquanto professor, de meu ser no processo do conhecimento, é a isso que o método fenomenológico poderá acrescentar na escola. O educador não é alguém isolado, dogmatizado, mas sim, principalmente na filosofia, revolucionário. Ele se transforma, entra em movimento com o mundo, indica caminhos e, assim, transforma o aluno.

Buscar na sala de aula formas de abarcar o outro, o aluno, e envolvê-lo em um mundo filosófico, um mundo complexo. Toda essa narrativa era uma tentativa de mostrar a fenomenologia, e dei apenas um único exemplo de trazer o método fenomenológico de ver a filosofia. Esse exemplo tinha apenas a função de suscitar o educador para buscar novas formas de ensinar, usando de seu ser no processo.

Merleau-Ponty apresenta ao professor uma forma de ensinar que valorize o outro, manifesta um desejo de apresentar uma filosofia vivenciada, uma filosofia que faça sentido não só a sua pessoa, pois aí seria uma filosofia de vida, mas que esteja em meio à sociedade. Ele nos mostra um educar com sentimento. Não podemos mais desvincular o sentimento que está no significado do nome Filosofia. Ensinar com sentimento, com um amor incondicional ao saber.

Referências

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Tradução: Reginaldo de Piero. Rio de Janeiro RJ: Freitas Bastos, 1 ed. 1971. 465 pág.

_____. O Homem e a Comunicação – A prosa do mundo. Tradução: Celina Luz. Rio de Janeiro RJ: Bloch, 1 ed. 1974. 159 pág.

_____. Textos Escolhidos. Tradução: Marilena de Souza Chauí, Nelson Alfredo Aguilar e Pedro de Souza Moraes. São Paulo SP: Abril Cultural, 2 ed. 1980. 260 pág. (Os Pensadores).

VIERA, Maciel Antoninho. Merleau-Ponty e a Fenomenologia: a redução fenomenológica e o mundo vivido. p. 363-377. In: _____. FILOSOFIA E CRÍTICA: Festschrift dos 50 anos do





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica
Curso de Filosofia da Unijuí; Org.s Arnildo Pommer, Paulo Denisar Fraga, Paulo Rudi Schneider. Ijuí RS: Unijuí, 1 ed. 2007. 528 pág.